

## QUEM PERDE, GANHA!

*Luciane de Araújo Batista*

Na última fantasia de Hans, a angústia emanada do complexo de castração é superada, a expectativa ansiosa transmutada em expectativa alegre: "Sabe, pensei uma coisa hoje... O encanador veio e primeiro me arrancou o traseiro, com tenazes, e então me deu outro, e depois fez a mesma coisa com meu faz-xixi. Freud interpreta assim essa fantasia: Sim, o doutor (o encanador) vem, retira-lhe o pênis, mas é só para trocá-lo por um maior."<sup>ii</sup>

É na medida em que a mensagem do pai se torna a mensagem que permite e que autoriza, que, no declínio do Édipo, é permitido à criança ter um pênis para mais tarde, que funciona como um bilhete no bolso. "Belo bilhete, diz Lacan, no Seminário As Formações do Inconsciente, bilhete que não é um nada, posto que sobre ele é que será fundamentado, mais tarde, o fato de que a criança poderá tranquilamente ter certeza de possuir um pênis, isto é, de ser alguém idêntico ao seu pai. É, verdadeiramente, o título no bolso".

Situação semelhante é evocada por Lacan numa citação histórica e divertida: "Para ter certeza de que ela era fiel, um marido tinha dado à sua mulher um certificado, por escrito, de fidelidade. Em seguida, ela tinha espalhado pelo mundo dizendo: *Ah, o belo bilhete que La Châtre (marido) tem!* Pois este La Châtre (castrado) e nosso pequeno castrado são bem da mesma ordem."<sup>iii</sup>

A metáfora paterna desempenha aí um papel que é exatamente aquele que podíamos esperar por parte de uma metáfora: chegar à instituição de alguma coisa que é a da ordem do significante que se encontra lá, de reserva; revelar-se-á mais tarde. A criança tem todos os direitos de ser um homem. Nessa perspectiva, o que a experiência analítica nos revela é que, mais precioso que o próprio desejo, é guardar o seu símbolo, que é o falo.

Bilhete no bolso. Passaporte para o desejo. Estranho desejo, que se articula não em relação do outro enquanto tal, mas intermediado por este significante especial – o falo.

Ingressando na dimensão simbólica, ao substituir o desejo de ser (o falo) pelo desejo de ter (o falo), a criança se afasta do seu assujeitamento imaginário à mãe, adquirindo status de sujeito desejante. O benefício dessa aquisição só advém, entretanto, às custas de uma nova alienação, pois o desejo, ao fazer-se fala, desdobra-se numa demanda e se perde nas cadeias significantes do discurso. Desliza de um objeto a outro, numa seqüência de substitutivos, persistindo em designar à revelia do sujeito seu desejo original.

No Seminário A Transferência, Lacan faz questão de acentuar esta dimensão indizível do desejo: “ouçam da minha boca, não há palavras para expressar algo que tenha um nome e que justamente o desejo. E é por isso que o que exprime não é um significante como os outros, mas um significante ambíguo: o falo. É o que se apresenta sob a forma do véu que vemos se reproduzir todos os dias sob a blusa da histérica. Lá, atrás da camiseta não devem ver de maneira alguma, porque evidentemente aí não há nada, somente o significante”.

Para falar do indizível dessa presença ausente, Lacan recorre, no Seminário As Formações do Inconsciente, a textos da Antigüidade – Aristófanes e Heródoto – onde o falo aparece como phalós. O phalós é então usado a propósito de um simulacro, de uma insígnia – quer se trate de uma imitação dos órgãos viris, de um pedaço de madeira ou couro. Vê-se, aí, que o phalós não é idêntico ao órgão, na qualidade de pertencente ao corpo, mas necessariamente um objeto substitutivo. Faz também alusão aos mistérios antigos: “é surpreendente ver que estes demônios alados, de botas, armados de um *flagellum* começam a aplicar um castigo, isto é, a fazer surgir o fantasma da flagelação na conexão mais imediata com o desvendamento do falo.”

Continuando sua elaboração do falo enquanto significante, Lacan se apóia na cena clássica de Psiquê elevando sua pequena lâmpada sobre Eros que, já há algum tempo, é seu amante noturno nunca visto. A cena é narrada e analisada com detalhes nos capítulos XVI, XVII e XVIII do Seminário A Transferência.

Psiquê, favorecida por um extraordinário amor, o do próprio Eros, goza de uma felicidade que poderia ser perfeita, se não lhe viesse a curiosidade de ver de quem se trata. Não que não fosse advertida pelo seu próprio amante de nunca procurar lançar luz sobre ele. Entretanto, Psiquê não pôde agir de outra forma senão desobedecer a Eros, em consequência da ação perversa de suas irmãs, que não descansam até fazê-la violar as promessas que fez a seu amante divino. O último artifício de suas irmãs é sugerir-lhe que ele é um monstro horrendo, uma serpente do aspecto mais odioso, e que certamente ela não deixa de correr algum perigo com ele.

Psiquê estava muito feliz numa relação com aquilo que não era, absolutamente um significante, mas a realidade de seu amor por Eros. Mas, como é Psiquê, ela quer saber. Ela quer possuir sua felicidade, e isso não é coisa assim tão simples. E é por isso que Psiquê surge na noite com sua luz, e também com seu pequeno trinchante. Entretanto, ela não terá nada a cortar, pois ela nada mais vê além de um grande clarão de luz, seguido de uma pronta volta às trevas. Por querer desvelar e capturar a figura do desejo, vai se suceder, a partir desse momento, todo um cortejo de desgraças com Psiquê.

“Se o mito tem um sentido, diz Lacan, é com efeito o de que Psiquê só começa a viver como Psiquê, isto é, não simplesmente como provida de um dom inicial extraordinário que a faz igual a Vênus, nem tampouco por um favor de um mascarado e desconhecido que lhe oferece uma felicidade infinita e insondável, mas enquanto sujeito de um pathos que é, aquele da alma, no momento em que o desejo que a cumulou se esquiva e foge dela.”<sup>iii</sup>

Nesse ponto, Lacan se pergunta sobre o que então representa o falo, em sua generalidade, para todos os sujeitos que falam. Remete o falo à categoria de um significante limite a designar o lugar da presença real. “O que ele designa não é nada que seja significável diretamente. Será que o falo é o limite a designar o lugar da presença real na medida em que esta só pode aparecer nos intervalos do que é encoberto pelo significante? Será por esses intervalos que a presença real ameaça todo o sistema significante?”<sup>iv</sup>

Retornando a Hans, Lacan questiona a hipótese de que sua fobia tenha como razão primordial um perigo genital, argumentando que, no caso da relação do pequeno Hans com sua mãe, o que ele teme encontrar é uma espécie de desejo, que seria de natureza a fazer voltar, antecipadamente, ao nada toda a criação significante, todo o sistema significante.

Dessa forma, Lacan acentua que, “enquanto estrutural, o falo representa a falta do significante, funcionando como significante de alguma coisa que, por definição, é o significante excluído do significante. Será, então, que é por isso mesmo que nunca o vemos a não ser em função de falo imaginário?”<sup>v</sup>

Nessa linha de argumentação, Nasio, no seu livro – Cinco Lições sobre Jacques Lacan, tenta esclarecer o conceito do falo como significante: “É o nome de um significante muito particular, diferente de todos os outros significantes, que tem por função significar tudo o que depende, de perto ou de longe, da dimensão sexual. “O falo não é o significante do gozo, pois este resiste a ser representado. O falo não significa a própria natureza do gozo, mas baliza seu trajeto. Se admitimos que o inconsciente é uma cadeia de significantes, nessa cadeia falta um elemento. Justamente o que deveria ter representado o gozo. No inconsciente, o gozo não tem representação significante exata, mas tem um lugar, o do furo. Da mesma maneira que a teoria analítica reconhece sua incapacidade de expressar exatamente a natureza do gozo, podemos dizer que o inconsciente, por sua vez, também não dispõe de um significante que represente o gozo. Em seu lugar, há apenas um furo e seu véu.”<sup>vi</sup>

Articulado dessa forma por Lacan, o falo nos remete à dimensão do ser humano subjugado pela miragem, onde o seu desejo vem habitar o lugar

do real e povoá-lo com seus fantasmas. Ali, onde o ser humano é subjugado pela miragem, a psicanálise reconhece o limite de seu saber. Mas qual é a miragem? É o engodo que fascina e ilude os olhos da criança edipiana, levando-a a crer que o gozo absoluto existe e que seria experimentado numa relação sexual incestuosa igualmente possível.

Diferentemente da ilusão da criança edipiana que crê que o gozo absoluto existe, nosso desejo é submetido a toda sorte de obstáculos representados pela linguagem e em particular pelo falo, barrando sua realização plena.

Na verdade, a psicanálise descobre que nós, os seres falantes, afinal nos contentamos com muito pouco. Com uma satisfação extremamente limitada, obtida com poucos meios.

Poderíamos ainda argumentar que, mesmo reconhecendo que a miragem da felicidade absoluta é rapidamente dissipada, para dar lugar a uma felicidade relativa, nem por isso deixa de ser verdade que a ficção de um absoluto permanece como uma meta sempre buscada. A psicanálise responderia: Não. O ser falante não quer esse gozo desmedido, recusa-se a gozar, não quer nem pode gozar. O neurótico, por exemplo, faz tudo o que é necessário para não gozar no absoluto; e, evidentemente, uma maneira de não gozar no absoluto é gozar pouco, isto é, realizar parcialmente seu desejo. O sintoma e a fantasia são, de fato, os dois recursos do neurótico, para se opor ao gozo desmedido e refreá-lo. O melhor exemplo disso é o da histérica, que utiliza uma fantasia em que o gozo mais sonhado furta-se a ela incessantemente. Foi por essa razão que Lacan caracterizou o desejo histórico, e, portanto, todo desejo, como intrinsecamente insatisfeito, já que ele nunca se realiza plenamente; só se realiza com fantasias e através dos sintomas. O desejo é, portanto, uma defesa contra o gozo.

A máxima lacaniana "não ceder em seu desejo" não deve, portanto, ser compreendida como se isso fosse uma palavra de ordem para incentivar o desejo e obter o gozo. É um erro interpretá-la assim, pois essa máxima não é uma proclamação corajosa para enaltecer o desejo no caminho do gozo supremo, mas é, ao contrário, um lembrete prudente de que não se abandone o desejo, única defesa contra o gozo.

Assim, o gozo do Outro é um sonho paradisíaco que se oferece ao neurótico de maneiras diversificadas e contraditórias: primeiro, é um sonho que ele sabe ser irrealizável, quimérico e fora de seu alcance; e, por fim, é também, e acima de tudo, um sonho que ele sabe que se, por "azar" ou por "felicidade", viesse um dia a se realizar, seu ser ficaria em perigo.

Finalmente, o falo, como significante, nos lança no limite da relação com o impossível, onde convivemos com a flagrante contradição de buscarmos um gozo que não podemos alcançar, sob o risco de ver

nosso desejo desaparecer. Diante do enigma de nossa existência, desejamos e tememos o impossível, mesmo sabendo não poder atingi-lo.

Como defesa ao gozo nos resta desejarmos e nos contentarmos com um desejo intrinsecamente insatisfeito. Perder para ganhar!

## Notas:

---

<sup>i</sup> Kaufmann, Pierre. Dicionário Enciclopédico de Psicanálise. Pág. 211

<sup>ii</sup> Lacan, Jacques. As Formações do Inconsciente. Pág. 109

<sup>iii</sup> Lacan, Jacques. A Transferência. Pág. 226

<sup>iv</sup> Lacan, Jacques. A Transferência. Pág. 256

<sup>v</sup> Lacan, Jacques. A Transferência. Pág. 257

<sup>vi</sup> Nasio, Juan David. Cinco Lições sobre a Teoria de Jacques Lacan. Pág. 34